

# POSSIBILIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO HANDEBOL: ANÁLISE DO SISTEMA DEFENSIVO 3:3

DR. RAFAEL POMBO MENEZES

Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas  
Professor da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP

**Resumo** | O objetivo deste trabalho é apresentar perspectivas para o ensino do sistema defensivo 3:3 nas fases iniciais do processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol. Nesse sistema há uma alta exigência das condições técnicas, táticas e físicas dos jogadores, além das capacidades de percepção e de antecipação. Características como a noção de responsabilidade individual, o posicionamento do defensor no espaço de jogo e o desenvolvimento dos meios técnico-táticos defensivos, são possíveis a partir da abordagem por diferentes métodos de ensino. A partir das múltiplas vivências, proporcionadas pelos diferentes métodos de ensino, objetiva-se que os jogadores compreendam a dinâmica do sistema e, ao mesmo tempo, possam interagir de forma variada com os atacantes adversários.

**Resumo** | Pedagogia do Esporte; Esportes Coletivos; Handebol.

## INTRODUÇÃO

Os Jogos Esportivos Coletivos (JEC's, para GRECO, 2001) são caracterizados pelas diferentes relações entre os jogadores (da mesma equipe ou de equipes adversárias), que agregam ao jogo um caráter complexo e imprevisível, principalmente relacionados com os diferentes (e simultâneos) deslocamentos (ROGULJ et al., 2004). As relações de oposição e cooperação (GARGANTA, 1995), acompanhadas da presença ou não da bola, são importantes fatores a serem considerados durante a concepção de um planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT, para GRECO, 2001).

No handebol, características como a possibilidade de invasão de quadra, os deslocamentos simultâneos de todos os jogadores por todo o terreno de jogo e a proximidade (ou não) em relação à bola e ao alvo, são sumárias para a concepção das táticas de jogo. Lamas et al. (2012) apontam que a tática de jogo se relaciona à adequação dos comportamentos planejados aos desafios impostos pelos adversários. O desenvolvimento dessas táticas (ofensivas, defensivas e de transição) durante o jogo é estabelecido a partir das características dos jogadores da própria equipe e da equipe adversária, de forma que sejam menos vantajosas temporal e espacialmente para a equipe adversária (ROGULJ et al., 2004).

Durante o processo defensivo, os jogadores desenvolvem diferentes meios técnico-táticos (individuais e coletivos) para atender aos princípios operacionais propostos por Bayer (1994), como evitar a progressão do adversário em direção ao alvo a ser defendido e evitar o gol. García et al. (2008) apontam que o êxito esportivo está associado a um bom rendimento técnico individual e tático da equipe. Desta forma, a execução dos meios técnico-táticos está vinculada à constituição do sistema defensivo, que é com base nas características dos jogadores da própria equipe e nas características individuais e coletivas dos adversários.

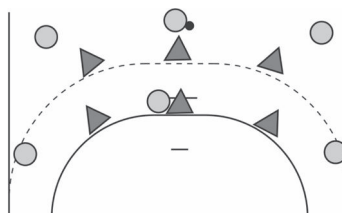
Os sistemas de jogo correspondem à estruturação funcional coletiva dos jogadores ou, ainda, à distribuição dos jogadores em zonas para conseguir os objetivos próprios (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Esses sistemas são classificados inicialmente em individual, zonal e misto (que agrega características dos sistemas individual e zonal). Os sistemas zonais também podem ser subdivididos, estruturalmente, de acordo com Gutiérrez Aguilar e Férrez Rubio (2009), em sistemas de estrutura fechada ou estrutura aberta.

Na iniciação ao handebol, autores como Antón García (1990) e Ehret et al. (2002) apontam a importância do ensino dos sistemas defensivos individuais como base para outros sistemas, por proporcionar aos jogadores noções de velocidades, dos espaços da quadra, das direções e mudanças de direção dos deslocamentos e da proximidade e responsabilidade de marcação direta.

A transição dos sistemas individuais para os sistemas zonais, durante o processo de EAT, demanda uma necessidade de ajuste do comportamento tático dos jogadores a “novos dilemas” em um “novo espaço”, mais restrito quando comparado à marcação individual. Desta forma, autores como Antón García et al. (2000) e Ehret et al. (2002) sugerem que o ensino dos sistemas zonais seja iniciado com o 3:3, embora para Ehret et al. (2002) o sistema 3:3 tenha uma variação dada em decorrência do posicionamento dos pontas (que leva à uma concepção de sistema defensivo 1:5). O objetivo deste trabalho é apresentar a problemática acerca do sistema defensivo 3:3 e apontar perspectivas para o seu processo de EAT.

### **CARACTERIZAÇÃO E DINÂMICA DO SISTEMA DEFENSIVO 3:3**

Na estruturação de um sistema defensivo há a intenção de que esse se mantenha estável ao longo do tempo de jogo, apesar de estar em contínuas modificações promovidas pela circulação da bola e movimentações dos atacantes (ANTÓN GARCÍA et al., 2000; MENEZES, 2011). O sistema defensivo 3:3 é composto por duas linhas defensivas, sendo que a 1ª linha defensiva é constituída por três defensores posicionados próximos à linha dos 6 metros, enquanto a 2ª linha defensiva é constituída por três defensores posicionados próximos à linha de 9 metros (Figura 1). Essa disposição espacial apresenta grandes distâncias individuais entre os defensores e, à primeira vista, uma região de vulnerabilidade no centro do sistema.



**Figura 1** - Disposição espacial dos jogadores no sistema defensivo 3:3

O ganho em profundidade garantido pela disposição dos jogadores em duas linhas defensivas, principalmente pelos jogadores da 2ª linha,

obriga os jogadores da 1ª linha defensiva a se aproximarem lateralmente uns dos outros, que acarreta em uma pequena perda em largura do sistema e proporciona uma região de vulnerabilidade nas laterais.

Esse sistema, devido às distâncias entre os defensores e à proximidade dos defensores da 2ª linha em relação aos seus marcadores, oferece espaços para os atacantes entre a 1ª e 2ª linhas defensivas que podem permitir uma fácil aproximação dos atacantes em direção ao gol (NAGY-KUNSAGI, 1983), sendo considerado por Simões (2002, p.236) como o “mais arriscado dentro da modalidade handebol”. É exatamente na grande exigência de boas condições técnicas, táticas e físicas dos defensores (SIMÕES, 2002), nos seus deslocamentos para a cobertura desses espaços e na compreensão que esses possuem de suas responsabilidades individuais e de ajudas mútuas que o sistema deve ser organizado.

É importante ressaltar que o caráter individual de marcação é muito exigido neste sistema, uma vez que cada defensor deve ter sua responsabilidade estabelecida, compreendendo que seu posto específico está vinculado a um marcador direto, seus possíveis deslocamentos e suas possíveis regiões de cobertura. Outro ponto que merece destaque se refere à dinâmica do sistema que, dependendo da posição da bola, faz com que os jogadores adotem posicionamentos (mesmo temporários), que se aproximam de sistemas como o 4:2, o 5:1 ou o 6:0 (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988; SIMÕES, 2002).

Como características gerais do sistema elucidam-se: a) o defensor responsável direto pelo oponente com a bola realizará sua marcação, já os demais devem cobrir os espaços produzidos (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988); b) a necessidade de realizar coberturas, ajudas mútuas e trocas de marcação (SIMÕES, 2002); c) a necessidade de acompanhar os atacantes que ocupam temporariamente o posto de pivô (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988; SIMÕES, 2002; MENEZES, 2011).

Diante das características apresentadas, o sistema defensivo 3:3 apresenta vantagens como:

- Dificultar os arremessos de longas distâncias, bem como diminuir as regiões de atuação dos armadores, perturbando o ritmo ofensivo adversário (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-

FERNÁNDEZ, 1988), imprimindo pressões espaço-temporais a esses ou aumentando a distância desses em relação ao gol (MENEZES, 2011);

- Facilitar a transição para situações de contra-ataques, uma vez que três jogadores estão presentes na 2ª linha defensiva (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988; SIMÕES, 2002).

Porém algumas desvantagens também podem ser apontadas, tais como: a) permitir aos pontas uma região maior para deslocamento e, por consequência, que estes possuam maiores espaços para a execução de suas ações ofensivas; e b) permitir ao pivô maior espaço para deslocamentos (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988; SIMÕES, 2002).

Os jogadores que atuam na 1ª linha defensiva têm como funções (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988; MENEZES, 2011): a) bascular em função da posição da bola; b) evitar a circulação dos pontas; c) marcar o pivô para dificultar os passes a esse; d) auxiliar nos bloqueios dos arremessos. Já os jogadores da 2ª linha defensiva têm como objetivos: a) evitar a penetração dos armadores; b) trocar rapidamente de marcação para evitar desequilíbrios defensivos; c) evitar as ações de bloqueios ofensivos; e d) evitar os arremessos de longas distâncias. Está implícito o fato de que todos os defensores devem possuir um bom domínio de aspectos como os deslocamentos e a marcação (em proximidade ou à distância).

Essas afirmativas vão ao encontro do trabalho de Rogulj et al. (2004) que, após analisar 90 partidas da Liga da Croácia masculina, apontaram que a pontuação das equipes vencedoras foi caracterizada por curtos ataques, enquanto a pontuação das equipes perdedoras se caracterizou por ataques de longa duração e pela interrupção das ações dos atacantes. Os autores complementam que as melhores equipes optam por sistemas defensivos mais agressivos, forçando a perda da posse da bola e arremessos de piores condições.

García et al. (2008), após a análise de 52 partidas do Campeonato de Seleções Autonômicas Cadetes Masculinas, apontaram que as equipes

vencedoras apresentam valores mais altos em todas as estatísticas relacionadas com os arremessos e assistências, principalmente em gol dos 6 metros e em contra-ataque.

Srhoj et al. (2001) apontam que a menor efetividade apresentada pelos atacantes da amostra analisada por esses (80 partidas do Campeonato Mundial de Handebol, em 1999) se refere aos arremessos realizados de longas distâncias ou realizados pelos pontas, e que a preferência dos atacantes e a maior consecução dos gols estão relacionadas às situações nas quais não há a interferência do defensor, como os arremessos de pivô e as infiltrações. Considera-se, portanto, a importância de uma atuação ofensiva dos defensores no sistema 3:3, com atitudes como flutuações mais rápidas e dissuasão do atacante sem a posse de bola, para dificultar a realização dos passes para esse.

### **OS MÉTODOS DE ENSINO E O SISTEMA DEFENSIVO 3:3**

O processo de EAT do sistema defensivo 3:3 apoia-se em um conhecimento prévio do sistema defensivo individual, devido às premissas técnico-táticas e de exigência metabólica deste. No sistema defensivo individual o defensor acompanhará seu marcador direto durante todo o jogo, o que exige dos atacantes constantes mudanças de direção e de velocidade nos deslocamentos.

Com relação aos aspectos técnico-táticos, a importância do aprendizado prévio do sistema defensivo individual justifica-se pela pressão constante dos defensores, para recuperação da posse da bola. Outras características importantes dos jogadores para o sistema defensivo 3:3 são desenvolvidas durante o processo de EAT do sistema individual, tais como: noção de responsabilidade individual (defensor *vs.* marcador direto); posicionamento do defensor na linha imaginária entre seu marcador direto e o gol; o desenvolvimento dos meios técnico-táticos defensivos, como a marcação (em proximidade e à distância) e a flutuação (MENEZES, 2010).

No sistema defensivo, o jogador deve compreender o contexto de desenvolvimento do jogo ofensivo, como as possibilidades que os atacantes possuem em virtude das áreas de vulnerabilidade defensiva. Pensar a defesa coletivamente implica na rápida tomada de decisão para a resolução de tarefas complexas com múltiplas possibilidades (BALBINO; PAES, 2005). Dentre as possibilidades de intervenção no processo de EAT, são citados três métodos de ensino-aprendizagem: o analítico-sintético, o global-funcional e o situacional, que diferenciam-se quanto à concepção do jogo e à forma de intervenção.

O método analítico-sintético se caracteriza pela fragmentação do jogo em elementos técnicos (fundamentos) e que refletem, para o ensino do sistema defensivo 3:3, na consolidação da aprendizagem das direções de deslocamentos em função da posição da bola. O desenvolvimento dos meios técnico-táticos coletivos defensivos, como a basculação, o deslizamento e a troca de marcação (MENEZES, 2011), poderá ser possível a partir da compreensão das direções de deslocamentos. Na Figura 2 está representado o possível posicionamento dos defensores em virtude da posição da bola.

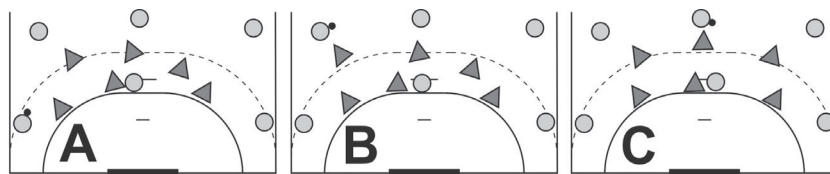


Figura 2 - Ocupação espacial dos defensores em função do possuidor da bola

O método global-funcional caracteriza-se pela utilização de jogos de dificuldades crescentes (de jogos simples ao jogo formal) e com regras adaptadas (GRECO, 2001). A principal premissa é a de que se aprenda a jogar jogando. Algumas das vantagens deste método é a resolução de situações-problema impostos pelo próprio ambiente de jogo, além do caráter motivacional de estar sempre jogando. Como desvantagem pode ser apresentada a não observância de um refinamento dos elementos técnicos.

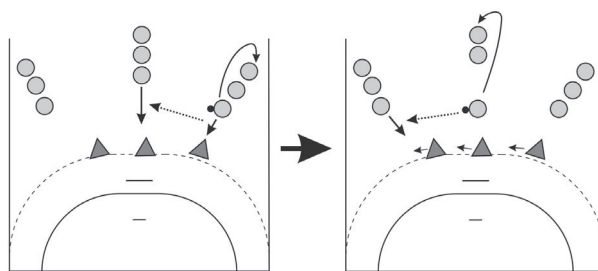
O método situacional apresenta aos jogadores uma fragmentação do jogo em unidades funcionais (como o 2x1, 3x2, 4x4 e o 3x4), e tem como pressuposto a adaptação do comportamento técnico-tático do jogador à situação apresentada (GRECO, 2001). O defensor é inserido em uma situação-problema do jogo que exigirá desse uma leitura adequada do contexto. Sendo assim, “o jogador constrói o jogo a partir de sua realidade, e aos poucos vai compreendendo e dominando as exigências técnico-táticas” apresentadas (MENEZES et al., 2011, p.62).

### **ATIVIDADES E SITUAÇÕES PROPOSTAS PARA O ENSINO DO SISTEMA DEFENSIVO 3:3**

A partir dos elementos elucidados anteriormente, são propostos dois exercícios analíticos (para a compreensão das regiões de ocupação espacial), e duas situações de jogo, com o objetivo de manter a complexidade da relação ataque-defesa.

*Exercício 1:*

Os atacantes são dispostos em três colunas, de frente para o gol, enquanto três defensores são posicionados na linha dos 9 metros. Os atacantes deverão passar a bola entre si, deslocando-se em direção ao gol, enquanto que os defensores deverão deslocar-se lateralmente, de forma a se posicionar entre o atacante e uma possível linha para infiltração (Figura 3). O exercício consiste, ainda, na manutenção dos deslocamentos laterais dos defensores.

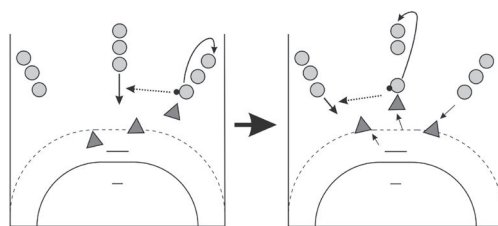


**Figura 3** - Representação do exercício analítico 1



*Exercício 2:*

Idem ao exercício anterior, porém os defensores deverão realizar a flutuação e cobertura. No final do deslocamento, o atacante ameaça o arremesso e o defensor, ao se aproximar desse (flutuação), realiza a marcação (para dificultar o arremesso ou a finta – Figura 4).

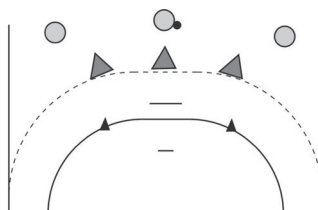


**Figura 4** - Representação do exercício analítico 2

Duas variações podem ser possíveis nos exercícios 1 e 2: a) a permissão do arremesso ao sinal do técnico; b) a presença de um pivô, que será marcado em proximidade por outro defensor.

*Situação de jogo 1:*

Situação de 3x3, em meia quadra, na qual os três defensores posicionam-se na 2ª linha defensiva (Figura 5). O posicionamento ofensivo é mantido com a estrutura de três armadores.



**Figura 5** - Situação de jogo 1: 3x3 em meia quadra, com arremessos limitados à zona central

O objetivo, para os defensores, está na manutenção das características do sistema defensivo e na sua continuidade diante das diferentes

movimentações dos atacantes. A restrição imposta aos defensores se refere à alteração do sistema defensivo para outro qualquer. A restrição imposta aos atacantes é a de conservação dos seus postos específicos e a manutenção do sistema ofensivo. Podem ser apresentadas as seguintes variações:

- *Variação 1:* os armadores podem executar quaisquer meios técnico-táticos ofensivos coletivos, como os cruzamentos, as trocas de postos específicos e os bloqueios;
- *Variação 2:* alteração da região de possibilidades de arremesso, como a limitação dos arremessos no setor direito ou esquerdo;
- *Variação 3:* possibilidade de ocupação do posto específico de pivô por um dos armadores.

Situação de jogo 2:

Situação de 4x4, em meia quadra, na qual um defensor posiciona-se na 1ª linha defensiva e três defensores posicionam-se na 2ª linha defensiva. O posicionamento ofensivo é mantido com a estrutura de três armadores (Figura 6).

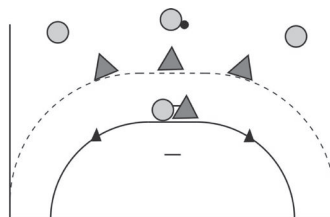


Figura 6 - Situação de jogo 2: 4x4 em meia quadra, com arremessos limitados à zona central

Os defensores devem manter a continuidade do jogo em sistema a partir das diferentes movimentações dos atacantes, porém com a necessidade de marcação do pivô e a possibilidade de cobertura pelo defensor da 1ª linha. A restrição imposta aos defensores se refere à alteração do sistema defensivo. A restrição imposta aos atacantes é a de conservação dos seus postos específicos e manutenção do sistema ofensivo. Podem ser mantidas as variações apresentadas para a situação anterior (situação de jogo 1), e ainda:

- *Varição 1:* os atacantes poderão alterar o sistema ofensivo de jogo, principalmente a partir da utilização de um segundo pivô;
- *Varição 2:* início da situação de jogo na zona de transição, para buscar a rápida estruturação do sistema defensivo e recuperação dos postos específicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O handebol, aqui apresentado como uma modalidade complexa e dinâmica, traz aos defensores a necessidade de rápido ajuste às situações-problema impostas pelos adversários. A compreensão da dinâmica do sistema defensivo 3:3, objeto central deste estudo, é importante no início do processo de EAT por se tratar de uma transição coerente dos sistemas defensivos individuais para os zonais.

Para o ensino da dinâmica do sistema defensivo 3:3 a abordagem pode ser dada tanto a partir do método analítico-sintético (para a organização das direções de deslocamentos) como a partir do método situacional, no qual as situações incutem a problemática enfrentada pelos defensores. Cabe a ressalva de que a ênfase está no desenvolvimento de um jogo defensivo coletivo, que agregam conceitos como as ajudas mútuas e a marcação dos jogadores com e sem a posse da bola.

A partir das diferentes abordagens no processo de EAT do sistema defensivo 3:3, há o intuito de proporcionar aos defensores diferentes vivências que encaminhem esses a um pensamento tático coletivo, a partir das diferentes interações com os atacantes. Cria-se, portanto, a perspectiva do desenvolvimento de um comportamento tático flexível dos defensores, para buscar rápidas adaptações diante dos deslocamentos dos atacantes e das mudanças nos sistemas ofensivos.

## REFERÊNCIAS

ANTÓN GARCÍA, J.L. **Balonmano: fundamentos y etapas de aprendizaje.** Madrid: Editorial Gymnos, 1990.

ANTÓN GARCÍA, J.L.; CHIROSA RÍOS, L.J.; ÁVILA MORENO, F.M.; OLIVER CORONADO, J.F.; SOSA GONZÁLEZ, P.I. **Balonmano: alternativas y factores para la mejora del aprendizaje**. Madrid: Editorial Gymnos, 2000.

BALBINO, H.F.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e os Jogos Desportivos Coletivos na ótica as Inteligências Múltiplas. In: **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. cap. 9, p.137-155.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

EHRET, A., SPÄTE, D., SCHUBERT, R., ROTH, K. **Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

FERNÁNDEZ ROMERO, J.J.; CASAIS MARTÍNEZ, L.; VILA SUÁREZ, H.; CANCELA CARRAL, J.M. **Balonmán: manual básico**. Santiago: Ediciones Lea, 1999.

GARCÍA, J.; JOSÉ IBÁÑEZ, S.; FEU, S.; CAÑADAS, M.; PAREJO, I. Estudio de las diferencias en el juego entre equipos ganadores y perdedores en etapas de formación en balonmano. **Cultura, Ciência y Deporte**, Año 5, v.3, n.9, p.195-200, 2008.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Universidade do Porto, p.11-25, 1995.

GRECO, P.J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. Belo Horizonte: Saúde Ltda., 2001, Cap.3, p.48-72.

GUTIÉRREZ AGUILAR, O.; FÉREZ RUBIO, J.A. Cuantificación y valoración de la eficacia de los sistemas defensivos empleados en el marco situacional de igualdad numérica en los equipos de balonmano de alto nivel. **Kronos**, 2009, v.VIII, n.14, p.113-116.

LAMAS, L.; BARRER, J.; OTRANTO, G.; UGRINOWITSCH, C. Elementos estruturais de um modelo formal dos esportes coletivos de invasão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.26, n.4, p.741-53, 2012.

MELLENDEZ-FALKOWSKI, M.M.; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, E. **Los sistemas de juego defensivos**. Madrid: Editorial Esteban Sanz Martinez, 1988.

MENEZES, R.P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13, n.1, p.1-16, 2010.

MENEZES, R.P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MENEZES, R.P.; SOUSA, M.S.S.; BRAGA, J.W.C. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol para a categoria mirim em instituições não-formais de ensino: concepções e metodologias. **Conexões**, v.9, n.2, p.49-69, 2011.

NAGY-KUNSAGI, P. **Handebol**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Esportivas, 1983.

ROGULJ, N.; SRHOJ, V.; SRHOJ, L. The contribution of collective attack tactics in differentiating handball score efficiency. **Collegium antropologicum**, v. 28, n. 2, p.739-746, 2004.

SIMÕES, A.C. **Handebol defensivo: conceitos técnicos e táticos**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

SRHOJ, V.; ROGULJ, N.; KATIC, R. Influence of the attack end conduction on match result in handball. **Collegium antropologicum**, v.25, n.2, p.611-617, 2001.

**Recebido: 25 março 2013**

**Aprovado: 30 maio 2013**

**Endereço para correspondência:**

**Rafael Pombo Menezes**

**Universidade de São Paulo (USP)**

**Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP)**

**Av. Bandeirantes, 3900**

**Monte Alegre**

**Ribeirão Preto – SP**

**CEP: 14040-907**

**rafael.pombo@yahoo.com.br**